



TOMO VI Nº 5

Blumenau

em

ca

der

nos

SUL FABRIL S/A

MALHARIA E CONFECÇÕES

Produtos de Maior Preferência no Gênero

"CAMISAS SUL FABRIL"

A MARCA QUE CONQUISTOU RENOME

FABRICA E ESCRITÓRIO :

RUA ITAJAÍ, 948

CAIXA POSTAL, 243

TELEFONE, 1125

TELEGRAMAS : "SULFABRIL"

BLUMENAU - Santa Catarina

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VI



Nº. 5

RELEMBRANDO...

ALICE VON MOERS

O pitoresco panorama que a cidade de Blumenau oferece, pode ser melhor apreciado do alto do Morro do Aipim.

Este morro, parte de uma cadeia de elevações ainda cobertas por densas florestas, fôra já nos últimos anos da colônia, roçado desde o sopé ao pico, pois o pastor Gustavo Stutzer pretendia construir casa de moradia no seu ponto culminante.

Mandara ali nivelar o terreno, com bastante largura para a construção e jardim e abrir uma picada em curvas. No mato, próximo à clareira, mandou cavar fundo poço.

Ignoro porque êsse plano de construção da casa foi abandonado. Mas o poço ainda existiu por muitos anos, lá, entre as primeiras árvores do mato vizinho e sempre íamos procurá-lo para, que horror! dar-lhe uma olhadela ao fundo, onde a água escura e suja estava cheia de larvas e vermes.

O terreno plano, no tôpo do morro era muito apreciado pela criança para jogos e brinquedos. De preferência nos domingos, costumávamos subir o morro para de lá apreciarmos a vista da cidade e localizarmos as respectivas residências lá em baixo.

À esquerda via-se o morro da igreja protestante e, no vale fronteiro ao morro do Aipim a Palmenalee com a sua fila de palmeiras e casas. Mais adiante, as elevações do fim da Kaiserstrasse e, atrás delas, já em côres baças, via-se, através de uma cortina de névoa tenue os dois morros do Spitzkopf.

À direita, muito pronunciada, a grande curva do Itajaí que forma a chamada Ponta Aguda. Esta, que hoje está cortada de ruas e cheia de casas, naquele tempo era coberta de floresta escura, quase impenetrável. Mas era lindo olhar-se, lá do alto, para aquêlo mato verde, dentre o qual uma ou outra árvore mais alta sobressaía.

Enquanto o dr. Blumenau vivia na sua colônia, proibia terminantemente a derrubada de mato, pois temia, como diziam os seus contem-

porâneos, que outra grande enchente, como aquelas de 1880 e 1911, poderia arrancar a maior parte da península, como de fato a última arrancara em bom trecho do barranco de frente.

Depois da sua morte em 1899, porém, o mato foi derrubado, o terreno foi dividido em lotes e vendido da Ponta Aguda até às montanhas do fundo, talvez um quilômetro de distância.

Em Blumenau, naquele tempo, não se falava em outra coisa. Isso era um espetáculo extraordinário. Até então tinham sido somente os caçadores que penetravam aquêlo mato fechado, onde havia ainda muita caça. Agora os machados e as serras destruíam as belezas naturais, então tão admiradas.

Uma noite, houve um espetáculo no Teatro "Frohsinn", que ficava na rua das Palmeiras. Representou-se uma linda comédia, em que a senhora Brockes, filha do dr. Fritz Müller, fazia o papel de uma velha cômica, chamada Anathusia, que fez todo mundo rir, sendo muito aplaudida.

No fim do espetáculo, para grande alegria de todos, o presidente do Teatro "Frohsinn" fez um convite aos presentes para, no domingo seguinte, à tarde, tomarem parte num piquenique que se realizaria na Ponta Aguda. Todos aplaudiram a idéia e grande foi a excitação. Certamente que ninguém faltaria. E assim foi. Um mundo de gente ajuntou-se no lugar onde os vapores costumavam atracar e onde uma balsa nos transportou para o outro lado.

Todos saltaram na areia da praia e foram, barranco acima, em grande algazarra, tomando a picada que, em linha reta cortava o mato. De quando em vez, árvores caídas sôbre o estreito trilho, obrigavam os convivas a verdadeiras ginásticas para saltá-las.

Todos iam alegres, por uma tarde linda, em companhia de amigos e conhecidos. Muitos carregavam cestas de bolos e doces. Às vêzes, por uma abertura da mata, enxergava-se o rio Itajaí e a sua margem oposta coberta de rochedos, capim e mata escura.

Depois de uma caminhada de meio quilômetro, mais ou menos, ouviram-se vozes ao lado direito do caminho. Ali, debaixo das árvores haviam feito fogo para o churrasco e café e haviam improvisado um bufete com bebidas.

Quem se negaria a tomar um refresco ou uma boa cerveja, depois de tão estafante marcha? Reunidos em redor do fogo, todos passaram a conversar alegremente, contando casos, cantando bonitas canções, rindo e divertindo-se a valer, naqueles recessos onde até então, só chegava o canto dos passarinhos e o ronco dos monos selvagens.

A senhora Brockes, munida de uma cesta, pulava sôbre os troncos caídos, examinando-os com cuidado, arrancando-lhes, de vez em quando, plantas que neles cresciam. E o senhor Salinger, que não perdia vaza, gritou-lhe: "Como é Anathusia? Agora são as orquídeas?" E todos riram alegremente, inclusive a Anathusia que nem por isso deixou de continuar a sua interessante busca. Alguem murmurou: "Ela só quer é fazer-se de interessante, pois, é bem possível que, nesta semana, já esteve por aqui a cata de parasitas..."

Mas a senhora Brockes, herdara o interesse do pai pela natureza. E os troncos, cobertos de vegetação tão farta e variada, eram-lhe uma atração a que não resistia.

E, enquanto os homens ao redor do bufete bebiam, riam e cantavam, as senhoras, sentadas nos troncos caídos, divertiam-se comendo doces e os gostosos petiscos trazidos de casa.

Foi uma alegria geral quando descobriu-se vários pés de tucum com cachos ainda verdes, mas no ponto de serem chupados pela turma ávida de novidades.

Quando o sol começou a pôr-se no ocaso, tratamos de nos pôr em retirada para o outro lado do rio. Não seria prudente atravessar a picada e nem a balsa com o escuro.

Na balsa, ainda era geral a alegria. Os moços, como sempre quando querem se mostrar em meio às moças, começaram a balançar a balsa de um lado para o outro, para meterem-nos medo. As moças gritavam. Os mais velhos ralhavam, até que o balseiro passou-lhes um pito em regra.



Machado de Assis e Lauro Muller

Arnaldo BRANDÃO

“Machado de Assis, Funcionário Público” — importante monografia do acadêmico R. Magalhães Junior, e que foi lançada pelo Serviço de Documentação da Viação e Obras Públicas, integrando a coleção Mauá e dada aos leitores, por ocasião do cinquentenário da morte de Machado de Assis.

De grande interesse é para nós, catarinenses, o décimo quinto capítulo em que o autor, em rápidas pinceladas nos apresenta a real interferência do Ministro catarinense nos últimos anos da atribulada vida do criador de *Quincas Borba*. Transcrevendo o que nos relata o insigne autor de tão brilhante quanto preciosa monografia em que vamos nos deparar com um Machado de Assis que tem tanto de humano, quanto de rotineiro em sua vida burocrática, constantemente agitada por discussões e querelas desencadeadas com seus próprios colegas de repartição, onde espoucava seu temperamento de homem ranzinza e genioso.

Assim nos descreve R. Magalhães Jr., interessante passagem da vida de Machado: — “A 15 de novembro de 1898, tomou posse da Presidência da República, o segundo presidente civil e paulista, Manuel Ferraz de Campos Sales. Chamou este para exercer o Ministério da Viação e Obras Públicas, o político baiano Severino Vieira. Chama-o para servir em seu gabinete e tem nêle valioso auxiliar durante quatorze meses em que exerceu aquele alto posto. Em 1900, renuncia Severino Vieira que é substituído, a princípio, em caráter interino, por Epitácio Pessoa, Ministro da Justiça e, em seguida, pelo engenheiro Alfredo Maia.

Epitácio Pessoa passou rapidamente pelo posto, enquanto Campos Sales decidia a escolher o titular definitivo. Tendo grande apreço por Machado de Assis, fez do ilustre escritor seu secretário.

Lúcia Miguel Pereira ergista um dito de Epitácio que não sabemos onde teria colhido: “Um grande escritor, mas um péssimo secretário”. O escritor José Vieira, refutando tal frase, que demonstrava não corresponder à verdade sobre a conduta funcional de Machado de Assis, deu-lhe uma versão ainda mais deprimente: “Um grande escritor, mas um péssimo funcionário” — Mas é “se-

cretário”, e não “funcionário” — que se lê no livro de Lúcia Miguel Pereira (recentemente falecida em desastre aviatório).

Podia-se dar que Eptácio, moço, impetuoso, de mentalidade arrojada, não se tivesse entendido bem com Machado, já idoso, tímido, homem vindo de outro regime, sem audácias de revolucionário. E podia assim ter sido o escritor um secretário revolucionário — que não era o ideal de um ministro com tal temperamento, sem deixar de ser, no entanto, um funcionário escrupuloso, trabalhador, e modelar, prossegue R. Magalhães Jr.

Ainda no governo de Campos Sales, depois de ter servido com Alfredo Maia, serviu ainda com o conselheiro Antônio Augusto da Silva.

A 15 de novembro de 1902, na presidência da República o conselheiro Rodrigues Alves que escolhe para Ministro da Viação o engenheiro militar Lauro Muller, um dos tenentes que haviam feito a República ao lado de Deodoro. Um dos seus primeiros atos foi de reparar a injustiça feita a Machado de Assis. Lauro Müller fez Machado voltar ao exercício pleno como diretor geral da Contabilidade. E, a 18 de novembro de 1902, escrevia-lhe Mario de Alencar: “felicitado a Secretaria da Indústria pela volta do seu antigo diretor. A este não sei se devo parabenizá-lo, mas em todo caso aproveito o ensejo para lhe mandar um abraço”.

Diz-nos Medeiros de Albuquerque que tendo vagado, no fim do governo de Campos Sales, uma diretoria geral, Artur de Azevedo, antigo funcionário do Ministério de Viação, pleiteara seu aproveitamento na mesma. Lauro Müller teria objetado que havia um diretor geral adido que poderia ser aproveitado: Machado de Assis. Ao que respondeu Artur Azevedo:

— Se é para Machado de Assis, não sou mais candidato. Ou, melhor sou candidato apenas a ser o amanuense que lavrará o decreto de sua reintegração...

Lauro Müller, de acôrdo com Medeiros de Albuquerque, mandára sondar Machado, por seu secretário, para saber se queria voltar à atividade. Comovidíssimo, respondêra com uma pergunta:

— Então o Ministro acha que não sou incapaz, um inútil?...

Medeiros de Albuquerque declara que fôra o próprio ministro catarinense quem lhe transmitira essas informações.

Recebeu Machado de Assis, a reintegração no pleno exercício do cargo de diretor geral como uma reabilitação. O exemplar funcionário voltava satisfeito ao seu lugar. Tinha sessenta e três anos de idade, padecia de mal incurável, mas não queria ser pesado ao Estado, percebendo sem trabalhar. Renasce então o interesse pelas letras. Começa a escrever um novo romance “Esaú e Jacó”, em que fixa o período de transição do Império para a República. Em 1904, morre sua esposa D. Carolina aos setenta anos de idade. Desde então os trabalhos do Ministério da Viação e Obras Públicas absorveriam cada vez mais o funcionário Machado de Assis, a quem a viuvez tirára o gôsto da vida.

Grande, pois, foi o gesto do Ministro Lauro Severiano Müller, em retornar à atividade pública o grande Machado de Assis, tão injustiçado em sua despretenciosa carreira. Lauro Muller não só o estimulou, realizou mais ainda, — deu-lhe nova vida e novas energias para que produzisse mais para o engrandecimento e glória da literatura brasileira.

O dia 22 de janeiro de 1874, uma quinta-feira, foi de azar para a sede da Colônia Blumenau. Caiu sôbre ela um violento temporal que, entre outros prejuizos que causou, derrubou o prédio em que funcionava o hospital, administrado pela “Kranken Unterstuetzungs-Verein” (atual “Santo Antônio”).

Na segunda-feira, dia 6 de outubro de 1873, o comandante da canhoneira alemã “Albatroz”, chegou em visita a Blumenau, desembarcando às 2 horas da tarde. Regressou a Itajaí no dia seguinte às 11 horas da manhã.

SANTEIROS DA COLÔNIA

P. Raulino REITZ

Diretor do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

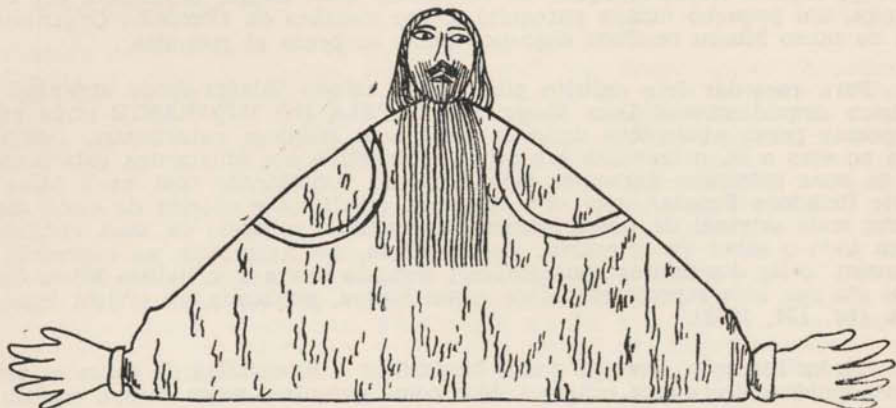


Imagem de Santo Agostinho

é a peça mais original e valiosa do Museu Arquidiocesano de Brusque. A biografia do seu autor, Pedro Magagnin, de Crisciuna, está sendo levantada e aparecerá, a seguir, nestas páginas.

Diretor do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

Empolguei-me com a originalidade e grande variedade das imagens e objetos religiosos produzidos pelos santeiros do interior catarinense.

Ao reunir obras de arte religiosa popular primitiva para o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, de Azambuja, Brusque, surpreendi-me com o grande número de fazedores de "santos". Em quase cada "surtida" que fazia à cata de imagens para o Museu, novas peças apareciam. São de uma originalidade com sabor todo especial. Novos artistas ia descobrindo. As colônias italo-catarinenses, em tempos idos, se revelaram mais ricas em santeiros.

Os materiais de que usavam para fazerem suas obras de arte eram os mais diversos. Já há no nosso Museu imagens de madeira, de barro, de cimento, de cera e de estanho. Os ornamentos dos "santos" são de metal, ferro, lata, etc.

O período áureo dos santeiros foi nos anos da 1.^a guerra mundial e no tempo pós-guerra de então. O isolamento do Brasil tornou impossível a aquisição de imagens na Europa. Nas novas igrejas, capelas ou oratórios que iam surgindo foram entronizadas imagens feitas na colônia. Mesmo a oposição férrea de algum Vigário que não admitia tais imagens abrandou-se por não haver para onde apelar. Assim os novos templos foram lotados com imagens rústicas. Nas procissões fúnebres ou festivas crucifixos todo originais "puxavam" as procissões e imagens rústicas eram solenemente carregadas em andores.

A arte dos santeiros foi improvisando a confecção de todos os objetos do culto, como castiçais, candelabros, lustres, lampadários do Santíssimo, matraca, umbelas, etc., etc. Surgiu na zona rural catarinense uma verdadeira pequena indústria de arte religiosa. Todas as igrejas e oratórios foram providos. Foi isto uma demonstração do espírito inventor e de autossuficiência do colono catarinense, nota que não é fácil ver em outras terras brasís.

Mudaram-se os tempos. As áreas interioranas sofreram o bafejo da civilização. Nas cidades ergueram-se as chaminés do progresso. As minas carboníferas foram mecanizadas. O sitio está cortado de redes elétricas que dis-

tribuem força e luz às casas dos agricultores. As paróquias foram provisionadas com novos Vigários que não concordam com a veneração das toscas imagens do tempo antigo. Tanto na área sul-catarinense (Uruçanga, Criciúma, Turvo, etc.), como no norte (Nova Trento, Tijucas, Brusque, Luis Alves, etc.) souu uníssona voz: fora com os "santos feios". Uns foram para o depósito ou sacristia. Outros tiveram ordem para serem queimados ou enterrados. Mas como os fabriqueiros nem sempre simpatizavam com esta dura ordem, leiloavam entre si as imagens que eram levadas para casa de quem ganhava. Cônego Agenor Neves Marques, de horizontes mais largos, organizou, em Uruçanga, um pequeno museu paroquial. Como membro da Comissão Organizadora do nosso Museu resolveu doar-nos tôdas as peças aí reunidas.

Para recordar êste espirito pioneiro do colono barriga-verde organizei no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim a CAPELA DO IMIGRANTE onde estão expostas peças autênticas desta original arte religiosa catarinense. Demonstra ao vivo a fé, o trabalho e o espirito inventivo dos imigrantes catarinenses e de suas primeiras gerações. Esta "capela", juntamente com as 2 salas de Arte Religiosa Popular, com suas imagens, crucifixos e objetos de culto são a nota mais original de nosso Museu. Representam o início de uma civilização com todo o sabor do primitivo. Assim surgiu, em Azambuja, na expressão de alguém "o lar dos Santos aposentados", segundo refere o jornalista Elísio Campos em sua bela reportagem sôbre nosso Museu, publicada na revista Panorama (nr. 124, 1962).

Minha intenção é reunir dados biográficos e fotografias de todos os artistas populares desta arte religiosa. Mas como pesquisas neste campo costumam levar anos, publico hoje os dados que até o momento possuo.

1. ANGELO MORO (LETO)

1866-1945



Nasceu aos 21-IX-1866, em Longarone, Província de Beluno, na Itália, sendo batizado com o nome de Angelo, mas vulgarmente era chamado Leto. É filho de Giovanni Moro e de Madalena Feltrin. Serviu o exército na Itália. Casou com Lúcia de Betío da qual teve 6 filhos. Com 25 anos emigrou para o Brasil, em 28 de maio de 1891. Faleceu-lhe a espôsa, casando, em segundas núpcias, com Giacomina Bez (há uma fotografia do casal no arquivo do nosso Museu) da qual teve 6 filhos e 5 filhas. Faleceu aos 30-VII-1945, tendo sido sepultado no cemitério de S. Martinho, na Paróquia de Nova Veneza.

Leto já fazia imagens de santos na Itália. No Brasil seu pendor nato encontrou ambiente favorável para sua arte. Na região onde morava era difícil conseguir imagens da Europa. Frete caro. Longa distância. As de produção local eram preferidas.

Mas apareceu um contratempo inesperado. O Vigário de sua Paróquia (Nova Veneza) Cônego Miguel Giacca não simpatizava com as imagens de Leto. Tinha-as como impróprias para o culto público. Preferia o Vigário encomendar imagens de estilo clássico na Europa. Proibiu a aquisição de imagens feitas na colônia para as igrejas de sua paróquia. O ponto de vista de Leto diverso do do Vigário, foi uma tragédia que repercutiu profundamente em sua vida e na da família. Fabriqueiros de algumas capela da paróquia, no entanto, ocultamente, encomendavam imagens a Ângelo Moro e as colocavam nas igrejas. Uma vez dentro era difícil ao Vigário tirá-las, pois se impunha o acatamento e a devoção do povo.

Um episódio interessante aconteceu com uma imagem de S. Antônio encomendada pela Fábrica da capela do Rio Santo Antônio, para padroeiro da igreja. Depois de recebida foi devolvida com a alegação de ter um pescoço muito comprido. Supõe-se que o Vigário a mandou devolver. Costumava colocar defeitos nos "santos" de Leto. Desta feita foi o de "pescoço comprido". Ângelo Moro então a doou a seu filho Fernando Moro, que a pedido de Pe. Huberto Osnning, a doou ao nosso Museu.

Leto não desanimou. Gostava da arte. Encontrou acolhida em lugares distantes onde os Vigários não punham reserva aos seus "santos" e crucifixos. Encontrou vasta freguezia por todo o Sul do Estado de Santa Catarina para onde imigravam os colonos italianos. Muitas igrejas ostentavam, algumas ainda hoje ostentam imagens "made by" Leto.

Sua arte se estendeu a objetos de culto como castiçais rústicos, lampadários do Santíssimo, matracas, etc. Diversas dessas peças, que são de um sabor todo original, acham-se expostas na Secção da Capela do Imigrante, do nosso Museu.

OBRAS — 1. O Cristo Grande. O crucifixo conhecido por O CRISTO GRANDE julgo ser a obra prima de Ângelo Moro. Está exposto num oratório de grandes dimensões à beira da estrada, tão de gosto italiano, no lugar já conhecido por O Cristo Grande, distante uns 2 quilômetros de Nova Veneza, na divisa com o município de Siderópolis. Ai está exposto à veneração pública, sob os cuidados dos filhos e descendentes do artista. As dimensões são aproximadamente: altura da cruz 3,60 m, corpo de Cristo 1,70 m. Este crucifixo enorme é, nos seus detalhes, exatamente igual aos muitos outros da autoria de Leto, que já estão expostos do nosso Museu. A caveira, a coroa de espinhos, os raios em forma de dedos são tão típicos e semelhantes que logo sugerem o autor dos muitos seus crucifixos. Era muito mais feliz nestes, do que em suas imagens que, como vimos, sofriam objeção por parte do Vigário, o que, pelo que parece, não se verificava com os crucifixos, pois até a igreja Matriz de Nova Veneza possuía um que neste ano foi doado pelo atual Vigário ao nosso Museu.

É com "O Cristo Grande" que aconteceu o fato muito conhecido e narrado no extremo Sul catarinense. Alguém contara a uma lavrador italo-brasileiro maravilhas sobre o grande crucifixo: tamanho, beleza, etc. O colono não resistiu à curiosidade. Convidou o colega para verem o famoso Cristo. A porta do oratório costuma estar fechada, mas há um buraco pelo qual se pode abrir a tranca da porta. O homem espiando pelo buraco a dentro, pasmo do que via disse: "Ma que demonio dun Cristo".

2. S. João Batista. Imagem esculpida em madeira, de 58 cm de altura. Foi retirada do oratório de O Cristo Grande e recebida pelo Pe. Huberto Oenning que a doou ao Museu Arquidiocesano Dom Joaquim.

3. S. Antônio. Imagem de pequenas dimensões (\pm 20 cm) também retirada do oratório supracitado e entregue ao Museu.

4. S. Líbero (S. Liberato). Imagem esculpida em madeira, 30 cm de altura. Foi recebida pelo Pe. Huberto Oenning do sobrinho de Leto, o sr. Ângelo Moro e doada ao Museu.

5. S. Antônio de Pádua. Trata-se do referido no texto acima com o defeito de pescoço comprido.

6-9. Os crucifixos nrs. 39, 40 e 43 da Secção de Arte Religiosa Popular são de sua autoria.

10. Outro crucifixo doado recentemente pelo Pe. Huberto Oenning também é de sua autoria. Era venerado na igreja de Rio Maina.

11. Pe. Hamilcar Gabrieli, Vigário de Nova Veneza, doou outro crucifixo do mesmo autor, que era usado nas procissões de Nova Veneza.

Pe. Hamilcar me narrou nesta ocasião o fato que ali por perto ocorreu, numa procissão. Beppi (José) Spillers, muito religioso, quando carregava na procissão um destes crucifixos de Leto encontrou dois serranos parados do lado do caminho, com chapéu na cabeça. Beppi não duvidou. Levantou a cruz em gesto de ameaça e gritou: "Entrem na procissão senão dou-lhes uma cristada na cabeça, brute bestie".

2. PEDRO MAGAGNIN

Ainda não possuo dados biográficos de Pedro Magagnin, outro fazedor de imagens de santos, que residia em Criciúma, SC.

Mas, sem dúvida, a imagem mais original produzida na zona colonial catarinense é a de Santo Agostinho, da autoria de Pedro Magagnin, para padroeiro da Capela de Rio Maina, junto à cidade de Criciúma.

Abro aqui um parêntese para uma nota curiosa que me relatou o Pe. Huberto Oenning, primeiro e atual Vigário da Paróquia de Rio Maina. O padroeiro da então capela de Rio Maina, que era também a primeira igreja do lugar, era ou iria ser São Miguel, em atenção ao diretor da Cia., Miguel Napoli. Este daria o sino e a imagem do Santo. Entretanto se desaceretaram o sr. Miguel Napoli e o Vigário, Pe. Mano. Consequência: o sino e o santo foram dados pelo Diretor à capela de S. Martinho, situada onde é hoje a zona da cia. Metropolitana. O Pe. Mano, por sua vez, determinou que o padroeiro de Rio Maina não seria mais S. Miguel, mas Santo Agostinho. Assim surgiu a imagem de concepção das mais avançadas em arte religiosa.

A imagem de S. Agostinho, que hoje goza o lugar de "padroeiro" da sala da Capela do Imigrante, do Museu de Azambuja, é a imagem mais original que jamais vi semelhante em minhas andanças por três continentes e julgo ser a obra prima de Pedro Magagnin. Fez de uma táboa de cedro, de 4 cm de grossura, um "santo" triangular! No ângulo de cima embutiu uma cabeça, nos dois ângulos de baixo enfiou as mãos e a imagem estava pronta. Tem 0,56 m de altura, 1,13 m de largura. Foi entronizada no altar da capela de Rio Maina, carregada em solenes procissões. Era a primeira imagem do padroeiro da hoje florescente paróquia de Rio Maina. Nas costas da imagem lê-se, escrito a lápis: "Fato da Pietro Magagnin dal 1915".

3. JOSÉ FRASSETO (CANÓRIA)

Não tenho nenhum dado biográfico de José Frasseto, ou seja Beppi Frasseto, ou ainda vulgarmente, o Canória.

OBRAS — 1. **S. Roque.** Imagem de 1,35 m de altura, executada em madeira, no ano de 1891. Era venerada na capela, hoje igreja Matriz de Siderópolis.

2. **Crucifixo.** Talhado em madeira e venerado na capela de Belvedere, Paróquia de Uruçanga. Museu — Secção de Arte Religiosa Popular nr. 40.

3. **Crucifixo.** Talhado em madeira e venerado na igreja Matriz de Uruçanga. Museu — Secção de Arte Religiosa Popular nr. 37.

4. ANGELO CATANEO

Não tenho nenhum dado biográfico sobre este artista.

OBRAS — 1. **S. Luzia.** Imagem executada em madeira, pelo ano de 1915. Foi venerada na capela de S. João, paróquia de Criciúma e acha-se hoje no Museu de Azambuja.

2. **S. Inês.** Imagem de madeira executada em 1915, com 1,27 m de altura. Foi doada pelo autor ao Oratório de N. Sra. das Graças, em Armazém, Paróquia de Uruçanga. Foi doada ao nosso Museu. Obs. — O histórico está escrito no pedestal da imagem.

3. **S. Miguel.** Imagem de madeira, 1,05 m de altura. Foi executada para o Oratório de N. Sra. das Graças, em Armazém, Paróquia de Uruçanga, em 1915, segundo o que se pode ler no pedestal da imagem. Depois foi venerada como padroeiro da capela de S. Miguel, de Belvedere, na paróquia de Uruçanga.

5. ROMEU OLESZCZULA

Não tenho dados biográficos deste artista que era um estudante polonês que temporariamente residiu na zona de Pinheiral, em Nova Galícia, do ex-município de Tijucas.

OBRAS — **S. Coração de Jesus.** Imagem esculpida em cedro brasileiro, pelo ano de 1920. Era venerado até 1960 na Capela de Nova Galícia, junto a Pinheiral. Está no Museu de Azambuja.

Outras. O mesmo autor deixou belos anjos, pinturas e esculturas na mesma igreja acima referida. Constatam diversas pinturas em casas particulares da região da Nova Galícia.

6. CESARE ZANLUCA

Imigrante italiano. Residia em Nova Trento, SC. Artista de grande competência ajudou na construção do atual palácio do Governo, em Florianópolis. Fez as estátuas que estão sobre o Palácio. Esculpuiu diversas imagens, em madeira, para as igrejas vizinhas de nova Trento.

OBRAS — 1. **Crucifixo.** Executado em madeira para a Capela do Morro da Onça, perto de Nova Trento. Foi aí venerado até 1960 quando foi doado ao Museu Arquidiocesano Dom Joaquim.

2. **Crucifixo.** Feito de madeira e venerado na Capela de S. Roque, da Paróquia de Brusque. Está no nosso Museu.

Estou em contacto com os filhos de Cesare Zanluca para obter dados mais completos sobre sua vida e suas obras.

PEDIDO — Peça encarecidamente ao prezado leitor o obséquio de me informar sobre outros fazedores de imagens do interior.

Padre R. Reitz
C. Postal, 8 — BRUSQUE — SC.

Reitz

BLUMENAU, A LINDA



Um pitoresco aspecto de Blumenau, com o rio Itajaí Açu e a ponte "Adolfo Konder", que liga o centro comercial com o bairro de Ponta Aguda

A pesca da baleia em águas catarinenses

Hitoshi Nomura

A pesca de cetáceos no Brasil foi iniciada no século XVII pelos biscaíños, segundo Frei Vicente do Salvador. Dêles se aproveitava o óleo para iluminação e outros fins. O mesmo Frei Vicente relata que, na Bahia, a despesa com a pesca de baleias era de 8.000 cruzados durante dois meses. Capturavam-se, então, 30 a 40 baleias em cada pescaria.

José Bonifácio de Andrada e Silva conta que, na Armação de Santa Catarina, em 1775, foram esquarterjadas 500 baleias, cada uma rendendo 400\$000.

A maior armação catarinense foi instalada por Tomé Gomes Moreira em 1746, na barra norte da Ilha de Santa Catarina, com a denominação de Armação da Nossa Senhora da Piedade.

Myriam Ellis fez um exaustivo estudo sobre a pesca de baleias no Brasil colonial. Vejamos o que ela nos diz sobre o referido Moreira:

“O “Assento” da pesca da baleia, estabelecido entre a Fazenda Real e Tomé Gomes Moreira, resultou da resolução régia de 27 de outubro de 1739, tendo sido o assentista representado em Lisboa por seu procurador, Luís Antônio Corrêa da Silva.

Moreira se comprometia a estabelecer à sua custa na Ilha de Santa Catarina, sujeita ao Governo do Rio de Janeiro,

“(...) huma nova fabrica e armação de pesca de Baleas (...)”, com todos os apetrechos necessários: embarcações, casas, armazéns, fornalhas, tanques, caldeiras de cobre, além de terras, escravos e tudo mais que fôsse preciso,

“(...) sem outros algum interesse mais do que fazer-lhe Sua Magestade a graça de lhe dar livre a dita fabrica por tempo de oito annos (...)”

a se iniciarem assim que terminasse o contrato da pesca das baleias da

“(...) Capitania de Santos, e S. Paulo (...)” estabelecido com Domingos Gomes da Costa.

Terminado o prazo do “Assento”, armação, escravos e utensílios ficariam pertencendo à Fazenda Real. Caso houvesse algum prejuízo no contrato das baleias do Rio de Janeiro, a Fazenda Real seria indenizada.

Foram as seguintes as condições estabelecidas:

1a. — O azeite que não tivesse saída na região da Ilha de Santa Catarina poderia ser exportado para as Ilhas, Lisboa, ou para onde fôsse mais conveniente. Devido à falta de navegação para a região de Santa Catarina, o assentista poderia ter um armazém no Rio de Janeiro, destinado à exportação. O azeite, entretanto, não poderia ser vendido naquela cidade, exceto em caso de urgente necessidade, obedecendo, porém, ao preço do lugar.

2a. — O assentista não pagaria direitos sobre o azeite e as barbatanas de baleia durante os oito anos do Assento, em Santa Catarina, Santos, São Paulo e inclusive no Rio de Janeiro, onde aquêles produtos não deveriam ser consumidos e sim exportados.

3a. — Havendo necessidade de terras para o estabelecimento da armação, o Governador do Rio de Janeiro as concederia, estando devolutas, caso contrário, as faria vender pelo justo valor.

4a. — O Contratante poderia obrigar as pessoas da região, por intermédio dos

“(…) Ministros daquelles districtos”, a trabalharem na pesca da baleia, pagando-lhes o

“(…) seu jornal, que licito, e justo for; por pender o bom successo da dita armação de homens peritos na dita pesca das Baleas”.

5a. — Os Governadores do Rio de Janeiro e de São Paulo deveriam cuidar do bom cumprimento das condições do Assento, observando também os privilégios concedidos aos contratadores, ou arrematantes de Contratos Reais.

O alvará régio de 7 de fevereiro de 1741 ratificou aquêle “Assento”. Vigorava, ainda, o contrato de Santos e São Paulo feito com Domingos Gomes da Costa”.

Além da Armação da Piedade existiam em Santa Catarina as seguintes: a da Lagoinha (1772), na costa oriental da Ilha de Santa Catarina; a de Itapocoróia (1778), ao norte do rio Itajaí; a de Garupaba (1793 ou 1795?), ao sul do rio Embaú; e a de Imbituva (1796), ao sul da antecedente.

Essas armações possuíam:

“Capella, cemitério, hospital, botica, casas para cirurgião, feitor, administrador e capellão, tanques e escravatura; paiol, engenho, atafona e olaria; fornos e officinas em não pequeno numero; carretas, barcos, lanchas e canoas; trapiche, rampas e caes de pedra; ferragens, madeiras, gados, escravos, moveis, terras e grandes plantações, inclusive a de café”.

Segundo Luís de França Almeida e Sá, “a armação da Piedade tinha de frente 1990 braças ou quase 2/3 de légua. A de Itapocoróia, 1100 braças”.

Quem estiver interessado em saber como era a armação de Itapocoróia, recomendamos a leitura do livro “Viagem à Província de Santa Catarina”, de Auguste Saint-Hilaire, publicado em 1820.

A pesca da baleia era uma atividade muito rendosa, mas a péssima administração da Fazenda Real concorreu para a decadência dessa atividade em Santa Catarina. Em 1816 já eram bem miseráveis as condições das suas armações.

Em 1819 era comum notar-se navios estrangeiros (americanos, holandeses e franceses) que pescavam baleias nas costas catarinenses, apesar das proibições, causando danos à pesca nacional.

Informa Myriam Ellis:

“Quanto às armações de Santa Catarina, por decreto de 13 de novembro de 1827 foi estabelecida a venda de todos os pertencentes à nação, com exceção da de São Domingos em Niterói e das de Piedade e Lagoinha em Santa Catarina, consideradas necessárias ao serviço público.

Ninguém se interessando por aquela alienação, por Decreto de 30 de dezembro de 1828, foi à praça o arrendamento parcial de tôdas elas

pelo prazo de um ano, devido ao fato de principiar a época da pesca da baleia em junho, afluindo muitos cetáceos ao litoral do Brasil até o mês de setembro”.

Em 1826 essas armações foram avaliadas em:

Armação da Piedade	69:594\$274
Armação de Itapocoroia e seu suplemento	35:548\$229
Armação de Garopaba e seu suplemento	31:765\$505
Armação da Lagoinha	26:805\$972

É ainda Myriam Ellis quem informa:

“Ainda sobre as armações de Santa Catarina, de acôrdo com os dados extraídos da “Secção de Tombamento dos Próprios Nacionais” por Luís de França Almeida e Sá, em 1899:

— Da armação de Piedade, pelos anos de 1847 e 1848, por determinação do govêrno provincial, quase a maior parte dos terrenos, foi cedida a colonos alemães, sendo mantida apenas uma área reduzida, com 96 metros de frente e 150 de fundo. Na última década do século XIX, dela restavam apenas um armazém e a Capela rodeada de ruínas...

— Sobre as armações de Garopaba-Imbituba, o capitão Manuel Francisco de Souza Medeiros que as arrematara em 1837, deixara de pagar em 1841 uma letra relativa àquele negócio.

Ao terminar o século XIX, nem estas, nem a armação de Lagoinha existiam, “(.)” não existiam mais essas bem montadas propriedades que, em 1826, custaram à Nação 94:119\$906 (..)” e que ao findar do século, sem dúvida “(...) valeriam ... vinte vêzes mais daquele custo!

E assim tem-se cuidado do Patrimônio do Brasil!

Não admira quando êste deve atingir a um milhão de contos e nada produz!” “Tudo isto bem demonstra o quanto hão descurado da fortuna pública os Governos da Metrópole, do Império e da República (...)”

Lucas A. Boiteux, no seu trabalho sobre a pesca da baleia em Santa Catarina, menciona uma tentativa para o reerguimento daquela atividade na região, em 1864. Diz que Antônio Mâncio da Costa e Joaquim Fernandes Capela estabeleceram uma armação nos Ganchos e que em setembro daquela data conseguiram pescar uma baleia e um baleote... O empreendimento frustou-se.

Nas primeiras décadas do século XX, das armações de baleias de Santa Catarina só restavam

“(...) ruínas informes, carcassas desmanteladas... a atestarem a grandeza e valor de uma industria assás lucrativa, que, em passados tempos, o mar catharinense immensamente piscoso proporcionava e que o tempo e os homens deixaram criminosamente desaparecer”.

A pesca e a industrialização da baleia no Brasil arrastaram-se ainda até início do século XX, em Salvador e Caravelas, na Bahia. As técnicas não evoluíram, subsistindo, até então, os mesmos processos arcaicos e rotineiros dos tempos coloniais desde há muito ultrapassados e em desuso na pesca da baleia.

Com êles nascera e com êles morria a indústria baleeira no Brasil e, na mesma região, na Bahia!”

Maurice Gaillaux, Diretor das Docas de Imbituba, informa (1951) que ainda são capturadas baleias nas costas catarinenses, de agosto a novembro. Segundo êle, "os meios utilizados são rudimentares e assaz perigosos, encostam o barco a remos bem junto à baleia e físgam-lhe um arpão na ponta do qual há uma carga de dinamite e se afastam o mais rapidamente possível antes de a baleia dar mergulho de não lhes virar o barco. Para matar a baleia são necessárias às vêzes mais de dez arpoadas".

Informa ainda que se aproveita o óleo, a carne, as barbatanas e os ossos e, por falta de meios, não se aproveita o sangue.

Atualmente pesca-se baleia na Paraíba e em Cabo Frio. A Cia. de Pesca Norte Brasil (COPESBRA), sediada em Costinha (Santa Rita, Paraíba), capturou 511 baleias em 1960, 521 em 1961 e 285 em 1962, a maior parte composta da baleia-espadarte, *Balaenoptera borealis* (Lesson, 1828). Sua captura inicia-se em junho e termina em outubro.

Em Cabo Frio (Praia dos Anjos) foi instalada uma base de industrialização de baleias pela Sociedade de Pesca Taiyo Ltda. Segundo Watanabe, "os barcos baleeiros operam entre 80 e 100 milhas fora da costa, realizando cruzeiros com duração média de 20 a 24 horas, saindo entre 2 e 4 h da madrugada e voltando entre 0 e 2 h do dia seguinte." A espécie mais abundante no sul é a mesma da do nordeste.

BIBLIOGRAFIA

BOITEUX, L. A. — 1914. A pesca da baleia. *Rev. Inst. Hist. Geog. St. Cat.*, vol. III, Florianópolis.

ELLIS, Myriam — 1957/58. Aspectos da pesca da baleia no Brasil colonial. *Rev. História*, São Paulo, nº 32, p. 415-462, nº 33, p. 149-175; nº 34, p. 379-424.

GAILLAUX, Maurice — 1951. A pesca da baleia em S. Catarina. *Fauna*, São Paulo, Ano X, nº 6, p. 38-39, 3 figs.

PAIVA, M. P. e GRANGEIRO, Bento — 1963. Análise das capturas de baleias em águas do Nordeste brasileiro — Dados de 1962. *IV Reun. Nac. Téc. Pesq. s/Pesca Marítima*, Recife, Anexo I, p. 2.

SÁ, L. F. Almeida e — 1900. Armações da pesca da baleia. *Rev. Inst. Hist. Geog. Brasil.*, Tomo LXII, parte II, Rio de Janeiro.

SAINT-HILAIRE, Auguste — 1936. *Viagem à Província de Santa Catarina (1820)*. Trad. Carlos da Costa Pereira, Cia. Edit. Nac., Série Brasileira.

SALVADOR, Frei Vicente do — s. d. *História do Brasil. 1500-1627*.

Terceira edição revista por Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. Cia. Melhoramentos de S. Paulo.

SILVA, J. B. Andrada e — 1790. Memoria sobre a Pesca das Baleias, e Extracção do seu Azeite; com algumas reflexões a respeito das nossas Pescarias, in *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo II, p. 388.

WATANABE, Ko — 1962. Aspectos bacteriológicos do pescado da costa-sul do Brasil I. Das áreas de pesca até o pôrto de descarga. *Bol. Inst. Ocean.*, São Paulo, Tomo XII, fasc. 3, p. 69-100.

BLUMENAU DOS TEMPOS ANTIGOS

“Antigamente a escola era risonha...”. É sempre assim. A escola e tudo. Até a nossa bela Blumenau de hoje era mais linda e mais pitoresca nos tempos de antigamente.

Perguntem aos velhos e às velhinhas. Escutem como êles dirão, os olhos fixos em algo que ninguém vê, uma lágrima a escorrer-lhes pelas faces enrugadas: “Ah! antigamente sim, que a gente era boa e sabia se divertir.”

E amanhã, quando os moços de hoje, recordando as esperanças e as decepções de uma vida de trabalhos e de realizações, usufruindo o prazer de uma aposentadoria calma e bem merecida, relembrem os seus tempos de infância e de juventude, murmurarão, num suspiro humedecido em lágrimas de saudade: “Ah! os bons tempos de antigamente”...

Ainda bem que temos, quando nos aproximamos das portas da eternidade, êsse consôlo. Sim, porque é consôlo o sentir-se saudade do que passou. É como se as ilusões de uma mocidade brilhante e viva, de uma infância despreocupada, de pais e mães carinhosos, de professôres diligentes e amigos, de companheiros dedicados, de noivas amorosas ainda revolteassem em tôrno das nossas cabeças encanecidas, de nossos corações desiludidos, de nossa mente dobrada ante a crueza das realidades.

Essas idéias nos acudiram em vista da fotografia desta página. Vejam como naqueles bons tempos de Blumenau, o juiz de Direito, dr. Pedro Silva sabia saborear a sua cervejinha, aquela maravilhosa “Bavária” (já não era mais da “marca barbante”, pois a tampinha está ao pé de quem bebe) em companhia do advogado Thomé Braga, na frente do Hotel Gross. E certamente êsses dois juristas, que há muito já partiram para o mundo de onde não mais se volta, nos seus anos de velhice, lembrando-se dessa e de outras cenas assim, dos amigos, da camaradagem do fôro, certamente teriam também repetido: “Ah!... antiga-



Por conveniência de paginação do trabalho publicado no número anterior “As terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond” de que foram feitas algumas separatas, interrompemos a numeração das páginas que, com êste número, restabelecemos.

DOS TEMPOS DA COLÔNIA

Cartas dos irmãos Johann Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise, naturais de Wittmannsgereuth, próximo de Saalfeld, imigrados na Colônia de Blumenau, dirigidas a Christoph Weise, em Bechstedt, perto de Koenigsee, publicadas em "Der Pilot", suplemento literário semanal do "Jornal Geral de Emigração" — "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung", Rudolstadt, nrs. 30, 31, 32 e 33, Julho/Agosto de 1857.

— — — — —
///

Colônia de Blumenau, 10 de Setembro de 1855.

Depois de longa e péssima viagem chegado ao Brasil, quero comunicar algo sobre a mesma. Logo após o embarque, em 21 de maio, no navio oldenburguense "Comet", sob o Comte. Wilken, houve barulho. No convés havia tantos caixotes e tão pouco espaço, para os passageiros, que a policia do porto precisou intervir na manifestação de descontentamento. Devido as queixas sobre a comida ruim, a mesma afixou também um cardápio, o qual o segundo piloto, entretanto, já no 2.º dia após a largada, arrancou novamente. Sob péssima alimentação e muita estupidez, mal conseguimos chegar vivos ao Brasil, e quero advertir a todos, para não embarcarem no navio "Comet", e sob o Comte. Wilken, pois tendo o mesmo a fama de ser um veleiro grande e rápido, desmentiu este conceito na nossa viagem, como na anterior à América do Norte, quando levou 14 semanas. Finalmente no dia 2 de agosto, nós chegamos à cidade de São Francisco, e dois dias depois em Dona Francisca. — 14 dias depois, transportou uma embarcação do Itajai os nossos caixotes, enquanto nós empreendemos a viagem à Colônia de Blumenau a pé. Neste percurso devíamos pousar várias vezes em casa de brasileiros, cujo idioma nós não compreendíamos, os quais nos acolheram, entretanto, muito bem. A 23 de agosto alcançamos o nosso destino. Com admiração observei a plantação de meu irmão. Tendo alguns dos meus companheiros de viagem, não encontrado na propriedade dos seus parentes, na Colônia de Dona Francisca, o que eles esperaram, e dito depois que, certamente, também o meu irmão me ludibriara, já através das alusões feitas por conhecidos de meu irmão, que encontrei na caminhada, fiquei com o coração aliviado, quanto à sua situação. De 150 morgues, de terra, há duas áreas grandes com plantação de mandioca, outras com milho e batatas, e também de arroz e feijão. Outras áreas estão em preparo para a plantação. Várias colheitas já foram feitas, assim a de batatas, das quais ainda vendemos diariamente. A posse de gado só consiste em 3 porcos e galinhas e patos. É necessário desmatar outras áreas para preparar pastagens. De carne, entretanto, não há falta, pois caça existe em abundância; assim, antes da minha chegada, meu irmão havia caçado um veado à espingarda, tendo agora já pegado outro em uma armadilha, matando ainda, diariamente, grandes aves galináceas.

Johann Georg Weise.

— — — — —
///

10 de setembro de 1855

Apesar da viagem longa e incomoda, meu irmão encontra-se muito bem, estando trabalhando, por enquanto, nas minhas plantações. Ele está feliz e satisfeito, dando gosto vê-lo em movimento, de madrugada à noite. Já ataca nos trabalhos de primeira linha, o que é raro entre os alemães recém-imigrados. Como estou contente de não precisar ocupar-me mais, pessoalmente, com toda e qualquer ninharia, como vinha acontecendo até aqui. Não tendo ainda ninguém de mais chegado em casa, e trabalho a valer, é ele para mim de grande utilidade. Caso eu pudesse ter a minha mãe e alguns amigos aqui comigo, de bom grado eu pagaria a viagem.

Aqui tivemos chuvas, ou tempo frio e chuvoso, na maior parte de tempo; de novembro do ano passado, até julho do corrente, sendo que aqui janeiro e fevereiro são, normalmente, os meses mais quentes do ano. Quantas vezes não esperamos por um solzinho apenas! Se, por vezes, o tempo clareava, e o céu estava limpo, sem nuvens, já uma hora depois se encobria novamente, havia raios e roncavam trovões, que se podia supor que os morros vinham abaixo, e as águas subiram tanto, que só com boa canoa podia-se chegar à minha casa. Os gêneros alimentícios tem subido vertiginosamente.

Meu caro cunhado, você tem razão. Tudo neste mundo tem as suas faces. O primeiro tempo na mata virgem nem sempre transcorre conforme se espera. Com o calor, entretanto, não há maiores dificuldades, pois a gente se acostuma depressa, — perde-se a boa côr, que mais tarde se recupera, talvez devido à mudança de alimentação, ou por não se estar acostumado às frutas tropicais. Animais selvagens, como tigres e onças, existem poucos aqui, pois são tenazmente perseguidos, por abaterem, por vêzes, bezerras ou porcos à noite nos pastos, dando preferência, entretanto, aos cachorros. Jaguatiricas, que devastam à noite as criações de aves, e crocodilos, que passam a maior parte de tempo n'água, há muitos. Tôdas estas fêras, entretanto, serão exterminadas dentro de pouco tempo. Também os índios não apreciam muito os estampidos dos tiros de nossas espingardas, e o assobio de balas. Na suposição que os alemães se resignassem também, como os brasileiros, que, atacados nos pontos isolados pelos índios, não possuíam armas para oferecer resistência, cuidando apenas de salvar a vida, abandonando as posses ao saque dos selvagens, estes atacaram uma propriedade aqui, onde havia apenas dois homens em casa. Estes, porém, reagiram, e os índios tiveram dois mortos, abandonando os demais, na fuga apressada ante a inesperada defesa à arma de fogo, seus arcos e flexas na plantação. Mais tarde, talvez, uma batalha decisiva será inevitável, mas com o número de alemães estabelecidos nos arredores, não haverá problema.

O fato de eu estar morando perto da sede, é uma grande vantagem. Não tenho a mínima dificuldade, na venda dos meus produtos, pois o pessoal do centro da sede, vem diariamente até aqui, para pequenas compras.

Para gente pobre, tem ótimas perspectivas aqui, pois há falta de mão de obra, e os salários estão sempre em elevação. Pretende-se construir igreja, escola e a casa do pastor, mas há falta de carpinteiros e operários. Nos primeiros tempos eu tirei, com serviços tratados sob acôrdo, por vêzes até 3 mil réis ao dia, — agora, entretanto, eu mesmo tenho muito serviço. Este ano deverei mandar construir umas máquinas, pois pretendo instalar, no ano que vem, engenho de açúcar e fábrica de aguardente. Se as cartas não lhes saírem caras demais, me escrevam bastante vêzes. Transmitam as minhas saudades aos irmãos e irmãs, como também ao tutor de meu irmão, ao qual desejo que consiga obter a posse da propriedade dêste, que êle tanto ambiciona. Se o pai dêle, talvez, não mais estiver lembrado das condições do ato de venda, deveria fazer a viagem à América; o vento sul perguntar-lhe-ia no mar Atlântico, sôbre o que êle jurou de mãos erguidas. Em Wittmannsgereuth, eu não mais queria morar. Se aqui no Brasil, de cada casa onde se passa, uma malta de cachorros, velhos e novos, avança com estrondo sôbre nós, a gente defende-se com a faca de dois gumes, e êles nos deixam em paz, lá, porém, eu acabaria me enleando cada vêz mais, na corrente desgraçada que aí se formou.

Passem bem e vivam em paz!

Ernst Friedrich Weise

Colônia de Blumenau, Maio de 1856.

Vocês perguntaram se, talvez, um de nós retornará à Alemanha? É bem possível, mas a época não podemos determinar, porquanto não estamos com muita vontade. É verdade, a Alemanha é um belo país, e podia ser mais belo ainda, se muita coisa aí fosse diferente. No Brasil ocorre o contrário: Vadios e preguiçosos aqui não têm vêz, e a verdade pode-se manifestar abertamente. Agora quero responder as perguntas feitas.

Com Heinrich não se preocupem; êle está ganhando de 40 a 50 Fl. ao mês, e não sofrerá necessidades, pelo contrário, mesmo fisicamente êle está melhorado; eu gostaria que vocês pudessem vê-lo: virou um americano bem aparentado. Como pagou 80 talers pela passagem, nada lhe restou para trocar aqui.

Um "Morgen" de terra corresponde aqui a 5/8 da mesma medida de lá, mas, onde não houver abertura, na medição costuma-se deixar uma sobra a favor. Um mil réis corresponde a 25 Sgr. (*Silbergroschen*). Os gêneros alimentícios diferem pouco dos da Alemanha; a diferença principal constitui o pão, pois no clima quente não dá cereais como o trigo, sendo assim que aqui só temos pão de milho, que se faz de dois eu dois dias. Carne, entretanto, aqui temos mais do que vocês, pois gado há bastante, principalmente porcos, que se criam sem dificuldades. Tendo-se um pasto suficientemente grande, êles necessitam de pouca forragem, desenvolvendo-se, mesmo assim, melhor do que lá. Só se prende os animais para engorda, mas não o gado vacum; — as vê-

zes são abatidas como vêm dos pastos. Eu mantive, até aqui, apenas dez porcos, por não ter ainda pasto e plantação suficiente de culturas de forragem, mas pretendo agora adquirir mais, como ainda duas vacas com bezerros. Depois da calamitosa enchente que flagelou-nos no ano passado, o gado subiu muito de preço. No dia 17 de novembro começaram a cair as chuvas, tão fortes, que o nível do rio já aumentara 34 pés sobre o normal. Do centro da sede eu podia escutar sinais e tiros, pedindo socorro. Duas horas depois, a minha casa e dependências foram arrastadas pela correnteza. Entre outras perdas, o milho armazenado que se foi, representava um valor de 200 mil réis, tendo depois lama no terreiro, da grossura de dois pés. Por sorte, um galpão, onde pretendi instalar o engenho de mandioca, estava situado em uma elevação do terreno, de uns 20 pés, para onde, enquanto a água não o impossibilitou, transportamos parte das minhas coisas. Os moradores das ribanceiras do rio, foram os mais atingidos pelo flagelo. Acreditava-se que este teria prejudicado mais seriamente os operários que, sem propriedade, precisam comprar tudo. Ocorreu, entretanto, que os salários subiram em paralelo com os gêneros alimentícios, levando-se os trabalhadores de braço, assim, vantagem, exigindo, ainda, um trato todo especial.

Eu não tenho mais falta de operários, há uns quatro meses para cá, estando também satisfeito com os mesmos. Com a construção do maquinário para a instalação do engenho de açúcar e aguardante, encarreguei um imigrante de Leipzig, de nome Koehler. Mecânicos e alfaiates ganham dois mil réis ao dia, e a comida; creio, entretanto que, como os navios de imigrantes aportam agora em roteiro direto em Itajaí, e vindo, certamente, mais gente do que até agora, que os salários irão baixar um pouco.

O povoado, com as suas cabanas e casas, se estende cada vez mais para perto da minha propriedade. Preilipper, de Kirchhasel, que durante algum tempo morou em uma das dependências da minha casa, estabeleceu-se agora também, nem muito longe daqui. Se eu tiver esquecido algo, Heinrich o escreverá na outra carta.

Ernst Weise.

—//—
Colônia de Blumenau, 10 de outubro de 1856.

Queridos amigos.

Em 24 de setembro casou-se o meu irmão com a filha da família Koehler, do lote n.º 3 desta Colônia, que no ano de 1853 imigrou de Moeschlik, ducado de Greiz. Outra novidade é que meu irmão, desde 1.º de outubro, é arrendatário da propriedade agrícola do Dr. Blumenau, onde anteriormente, por vezes, já trabalhara, como assalariado, passando à sua administração a grande criação de gado, o engenho de açúcar e a fábrica de aguardante. Eu trabalhei aqui o primeiro meio ano na propriedade de meu irmão; depois passei 5 meses trabalhando em um engenho de serra, estando agora novamente com o irmão, como capataz da granja arrendada e da propriedade particular dêle.

Heinrich Weise

—//—
Colônia de Blumenau, 24 de outubro de 1856.

Que todos os nossos amigos na Alemanha estejam em paz, e possam levar a vida socegada como nós aqui. Mesmo assim, por vezes, eu preferia estar trabalhando lá com vocês, em vez de lançar os apontamentos aqui no papel. Minha situação atual é bem outra do que tudo, quanto eu até agora empreendera. Progredi, com a graça de Deus, como jamais imaginaria há dez anos, estando satisfeito, também, de um modo geral, com o Brasil, — mas a Alemanha, por vezes, não me sai da mente. Começando lá agora o inverno, e tendo vocês pouco serviço, que bom seria se pudessem vir para ajudar-me um pouco. Pois aqui estamos agora na primavera, e mal conseguimos tantos trabalhadores como necessitamos para aprontar as plantações. Das linhas de meu irmão, vocês já estão cientes, que temos agora duas propriedades agrícolas para cuidar, — da propriedade arrendada do Dr. Blumenau, que é a maior da Colônia, e das minhas plantações, que também não são pequenas. Justamente por possuir já bastante terreno, eu não necessitava de arrendar outros. O Dr. Blumenau, entretanto, insistiu — fiquei admirado ouvi-lo dizer ser eu o único na colônia, que êle aprovara como agricultor, e que desejava vêr a sua propriedade organizada neste sistema alemão. Ofereceu-me um contrato vantajoso, sem obrigação de caução, sendo que havia pretendentes, que a ofereceram e não tiveram consideração. No primeiro ano não preciso pagar nada, e depois também uma

importância muito em conta. A criação de gado é grande, não sei ainda o número exato das cabeças existentes, e o engenho de açúcar e a fábrica de aguardente encontram-se em ótimo estado.

Farei agora a experiência de trabalhar com arado, quando, certamente, terei muitos observadores, por tatar-se aqui de novidade. O Dr. Blumenau importou este arado da Alemanha. A carestia não foi superada ainda, mas aumentou consideravelmente.

Muitas lembranças da minha espôsa e sogros, que sentem muito não terem conhecido vocês já na Alemanha.

Ernst Weise.

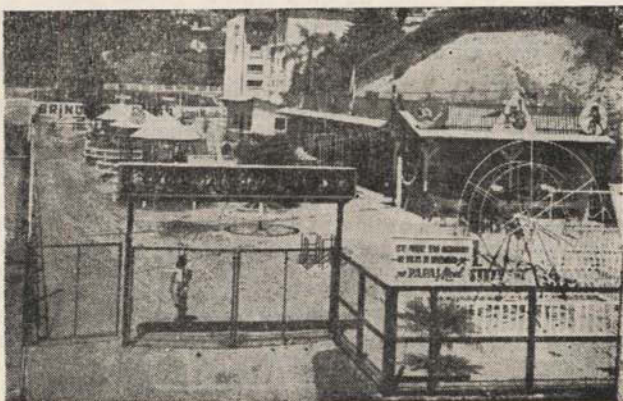
P. S. 10 de Novembro. Admirável, como aqui tudo funciona bem! Esta carta, que já devia ou podia estar em Southampton, acho hoje ainda aqui. Assim vou acrescentar, que ontem veio a notícia, que a carestia está aumentando, mais ainda, no sul, e que também aqui os preços hão de subir imediatamente. Uma medida de cachaça está a 6 Sgr., o Pfund (1/2 kg) de açúcar 4-5 Sgr., 1/2 quilo de manteiga — 16 Sgr., (Silbergroschen — moeda de prata, em uso então na Alemanha), e, aqui em Santa Catarina, chegou até a mil réis; meio quilo de toucinho, já estou vendendo, há uns tempos, por 14 Sgr., 4 ovos custam 3 Sgr., 1/2 quilo de carne de porco 9 Sgr. Uma parelha de bois para o serviço, sai a 200 mil réis, uma vaca custa 70 a 80 mil réis, a saca de feijão (parecido com o de lá) — 16 mil réis, isto já de meio ano para cá. Tudo isso ocorre em consequência do frio e humidade, que não tem fim, temos outra vez a primavera muito tarde. No dia 16 de agosto tivemos geada, de dois dedos de grossura, e havia gelo em diversos lugares; — isso então foi um frio rigorosíssimo para os brasileiros, que aos 10 graus acima de zero, já querem morrer de frio.

Me escrevam bastante, se não fôr muita despêsa para vocês, para mim uma carta de vocês nem tem preço.

O mesmo



RECANTO INFANTIL



Vista do parque originário organizado pela firma Hermes Macedo para a garotada de Blumenau. — Um recanto da rua Presidente Vargas, que tem grandes atrativos para as crianças.

Blumenau numa Poesia de Hermes Fontes

Por ocasião da inauguração da estátua do sábio Fritz Muller, esteve em Blumenau, juntamente com o ministro Victor Konder, o poeta e acadêmico Hermes Fontes.

Nessa oportunidade, o célebre literato escreveu estes versos, que existem no original, doado ao arquivo municipal pelo sr. Plínio Códiga, da firma Códiga & Cia., de Curitiba.

Como os nossos leitores verificarão, trata-se de versos de rara sensibilidade, que traduzem a grande impressão que a natureza blumenauense deixou no delicado espírito do notável vate brasileiro:

BLUMENAU

PEQUENINA CANAAN BRASILEIRA

Céu de garoa, ou céu de porcelana,
Quer em dias de bruma, quer de sol;
Através da cortina ou da persiana,
Ou no ar livre do campo aberto, em prol,
Radiosa joia azul da Natureza
Que o homem poliu para aumentar-lhe o grau
De perfeição e de beleza

Blumenau!

Cidade-menina

Camponezinha de avental azul,
Que assim coroa Santa Catarina
Nossa Senhora do Brasil do Sul.

GESTOS QUE ENOBRECEM

Temos tido, para manter esta publicação, muitos dissabores e desilusões. Mas temos tido, também, motivos de conforto e de estímulo.

"Blumenau em Cadernos" mantem-se com uma pequena subvenção da Prefeitura Municipal e os três anúncios das capas. As grandes firmas de Blumenau nos tem dado êses anúncios.

Constrange-nos, entretanto, o termos que, de quando em quando, procurar essas firmas já tão sacrificadas no setor da propaganda. Não faltam jornais e revistas que as procurem, a cada momento, solicitando publicidade. Isso sem falar na "picaretagem" de que são vítimas.

Por isso tudo, nos comovem gestos espontâneos de amigos nossos que, sem serem solicitados, veem ao encontro das nossas dificuldades para ajudar-nos a solvê-las.

Não podemos deixar sem registro, por exemplo, o ato meritório do nosso leitor, sr. Arthur Fouquet, um dos diretores da "Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A" que, sabendo das nossas dificuldades, veio espontaneamente trazer-nos valiosa contribuição monetária, sem solicitar-nos qualquer compensação.

Outro gesto que muito honra o seu autor e, também, nos desvanece por ser um reconhecimento do valor do nosso empreendimento, foi o do nosso dedicado amigo, sr. José Sanches, sub-diretor do Banco Inco, em São Paulo. Esse grande admirador de "Blumenau em Cadernos" não perde oportunidade de nos auxiliar de maneira muito eficiente e sem qualquer espírito de obter retribuições. Aliás, é ao sr. José Sanches que, em grande parte, devemos o início da publicação desta revista. Não nos tivesse ele, então, nos estimulado moral e materialmente, conseguindo-nos os primeiros anúncios e "Blumenau em Cadernos" não existiria.

Deixamos, pois, aqui a êses dois dedicados cooperadores os nossos profundos agradecimentos.

ESTANTES DOS "CADERNOS"

FRUTOS DA IMIGRAÇÃO — Padre Raulino Reitz. Tipografia e Livraria Blumenauense, 1963 — O digno sacerdote e renomado botânico, padre Raulino Reitz, lente do seminário de Brusque e diretor do Museu Diocesano Dom Joaquim, acaba de dar à publicidade um livro interessante a que deu o título de "Frutos da Imigração". Trata-se da história e genealogia da família Reitz. Mas o autor, muito acertadamente, não se limitou à relação, pura e simples, de nomes de antepassados e descendentes de seu pai, Nicolau Reitz, colono provindo de João Adão Reitz, um dos alemães fundadores da colônia São Pedro de Alcântara, em 1829. Conta a história da sua família, intercalando interessantes dados sobre a atividade de muitos dos seus membros, alguns dos quais sacerdotes, como êle, e que prestaram relevantes serviços às coletividades em que se integraram. Narra episódios da sua vida de sacerdote e de cientista, fazendo demoradas descrições das suas descobertas no campo da botânica, a que se dedicou com especial carinho e no qual conquistou renome internacional, relatando viagens pelo Brasil e pelo estrangeiro. É impressionante o acervo de informações sobre os primeiros colonos de São Pedro de Alcântara, Terezópolis, Piedade, Leopoldina, Santa Isabel etc. que o Padre Reitz conseguiu reunir no seu livro. Torna-se, assim, o trabalho do Padre Reitz um precioso repositório de valiosas indicações históricas para os que se dedicam ao estudo da história e do desenvolvimento da colonização alemã em nossa terra. Com o fazer um livro de reminiscências e dados genealógicos da família, o padre Reitz nos deu um trabalho de que, já agora, nenhum estudioso do nosso passado poderá prescindir. Merece, por isso o padre Reitz os mais destacados louvores por mais êsse grande serviço que presta à nossa terra. Mandamos-lhe, daqui, os nossos parabéns.

BLUMENAU EM CADERNOS

FUNDAÇÃO E DIREÇÃO DE J. FERREIRA DA SILVA

ÓRGÃO DESTINADO AO ESTUDO E DIVULGAÇÃO
DA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA

ASSINATURAS: POR TOMO (12 numeros) CR.\$ 300,00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

BLUMENAU — STA. CATARINA — CAIXA POSTAL 425

Empresã Industrial Garcia S. A.

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico : "Garcia"

Caixa Postal N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS

Fábrica de Gaitas

“Alfredo Hering” S. A. Com. e Ind.

Largo Cel. Feddersen — Cx| Postal, 115 — End. Tel. “GAITA”
BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

**TRADIÇÃO e QUALIDADE em
GAITAS DE BÔCA e ACORDEÕES**

**PROCURE CONHECER OS NOVOS
MODELOS DE GAITAS E SANFO-
NAS, EM MODERNO ACABAMENTO. —**